

Sentidos do político na/da/para a política

p. 91 - 96

Maria Cleci Venturini
Márcio José de Lima Winchuar¹

Resumo

O presente artigo tem campo discursivo de referência ao político e a política, considerando o político como o próprio do discurso e a política funcionando duplamente como o político (polêmica, debate, escolhas) e, como política (envolvendo a divisão e partidos), conforme Rancière (1996). O espaço discursivo é o discurso que circulou durante a campanha presidencial de 2010, a partir de Fernando Henrique Cardoso (FHC), que ocupa a posição-sujeito de porta-voz, atuando no político e na política. No funcionamento político, chama os adversários para o debate e se significa, concomitantemente, como fundador do PSDB, ex-presidente e responsável, assim como Lula, pela existência de três brasis: o do passado, o do presente e o do futuro e na política assume-se como líder político e fundador do PSDB, que o separa de Lula e do PT. O equívoco instaura-se pelo fato de os candidatos destacados em suas críticas serem Dilma (PT) e José Serra (PSDB), mas retornarem discursos e memórias em torno da atuação política de Lula e de Fernando Henrique. Esse funcionamento dá visibilidade ao funcionamento da política a partir de nomes próprios e, também, do político como um jogo da/na língua.

Palavras-chave: Memória; Discurso; Sujeitos.

MEMORY FUNCTIONING IN THE IN THE SENSES OF POLITICAL AND POLICY

Abstract

This article has discursive field reference of the politic and policy, considering the politic as own of the speech and policy functioning both as politic (controversy, debate, choices) and as policy (involving division and political parties), according to Rancière (1996). The discursive space is the speech that circulated during the 2010 presidential campaign, starting with Fernando Henrique Cardoso (FHC), which occupies the subject position of spokesperson, acting in the politic and policy. In the politic functioning, he calls the opponents for debate and means himself, at the same time, as PSDB founder, former president and responsible, like Lula, for the existence of three Brazils: the past, the present and the future and policy assumes himself as political leader and founder of PSDB, which separates him from Lula and from PT. The misconception establishes itself by the fact that the candidates highlighted in their criticism, are Dilma (PT) and José Serra (PSDB), but retake speeches and memories around Lula's and Cardoso's political acting, signaling for the policy operation starting from proper names and for the politic as a game of the language.

Keywords: Memory; Speech; Subject.

¹ Professora da Universidade Estadual do Centro-Oeste, UNICENTRO, realizando estágio sênior, na Universidade de Coimbra, com bolsa da CAPES/Fundação Araucária.

² Doutorando em Educação pela Universidade Federal do Paraná - UFPR. Mestre em Letras pela Universidade Estadual do Centro-Oeste - UNICENTRO. Atualmente é professor colaborador na UNICENTRO.

Situando as discussões, tecendo fios...

O tema de nossa reflexão são os sentidos do político na/da/para a política e o nosso objeto de análise é Fernando Henrique Cardoso. O recorte efetivado deve-se a sua militância na esquerda, a suas raízes familiares ligadas a militares revolucionários (do chamado Tenentismo) de 1922 e 1930, aos dois mandatos como presidentes do Brasil, à liderança atuante no PSDB e no cenário político brasileiro, ainda hoje. É importante sublinhar que, no domínio do político, o nome de Fernando Henrique Cardoso faz ressoar no eixo da formulação Luís Inácio Lula da Silva. Isso porque, há de semelhante entre os dois a permanência durante oito anos no cargo de presidente da república, a inscrição na formação discursiva de esquerda (antes de assumirem a presidência da república), a fundação dos partidos políticos: Lula (PT - Partido dos Trabalhadores) e Fernando Henrique (PSDB - Partido Social Democrático Brasileiro). Destaque-se, ainda, a luta que os dois empreendem para eleger um sucessor que defenda seus governos (Lula – Dilma Roussef e Fernando Henrique – José Serra) e modos de governar semelhantes: os dois dedicam/dedicaram grande parte do tempo em viagens internacionais, buscando liderança política fora do Brasil.

Se o nome de Lula traz para o eixo da formulação Fernando Henrique e vice-versa, isso não acontece somente pelas semelhanças entre eles, mas também pelas diferenças. Enquanto um se coloca como o retirante pobre, o sindicalista que apesar de não ter formação universitária chegou à presidente da república e que, mesmo sendo presidente, esforça-se para falar como sindicalista, reforçando a imagem populista e desenvolvendo um imaginário de “homem do povo”. O outro se destaca pela erudição, pela ironia fina, representando-se como intelectual,

reafirmando que não tem medo do passado. Um se constitui como povo e fala somente essa língua, o outro é políglota. Lula é situação, por isso diz que “faz mais”, Fernando Henrique é oposição e desse lugar afirma que “o Brasil pode mais”. Os dois, entretanto, consolidaram-se no cenário político internacional como lideranças respeitadas pelas posições assumidas, apesar das diferenças.

Lula protagoniza um fenômeno chamado Lulismo, pelo qual o Partido dos Trabalhadores (PT), fundado por ele, pode ser lido/interpretado/compreendido pela figura do seu criador. Isso significa que Lula representa o PT e o PT representa Lula, simulando que um mesmo referente recobre domínios: o da política e o do Partido Político. Fernando Henrique, fundador do PSDB, busca essa mesma identificação, reivindicando do candidato de seu partido, José Serra, a defesa dos seus oito anos de governo. Segundo Jorge Felix (2010, p. 32), “A cada campanha presidencial, Fernando Henrique tem uma tarefa muito mais árdua do que a batalha eleitoral: convencer o candidato do seu próprio partido, o PSDB, a defender seus oito anos de governo”. Para o articulista político, nem Serra (em 2002), nem Alckmin (em 2006) assumiram a empreitada proposta pelo ex-presidente, por isso, ele mesmo coloca-se no lugar de defensor de seus feitos. A luta para garantir a vitória de seu candidato, José Serra, materializa-se no ataque a Dilma Roussef, eleita por Lula para sucedê-lo no governo e, naturalmente, para defender os oito anos do mandato petista.

Diante disso, Fernando Henrique e Lula se colocam em lados opostos, na defesa de seus projetos, isso significa que a disputa eleitoral se trava entre as duas lideranças. Serra e Dilma simulam atuar como sujeitos no cenário político que desencadeia o embate eleitoral, mas quem fala em nome de um grupo, defende, acusa, polemiza é, de um lado, Luís Inácio e, de outro, Fernando

Henrique. Eles representam o que Pêcheux (1990) denomina “um nós em construção”, função enunciativa e discursiva de sujeitos porta-vozes. Esses sujeitos falam em nome daqueles que representam e, nesse caso, são os sujeitos-cidadãos que se inscrevem na FD petista e na FD tucana. Nesse funcionamento, tanto os representantes quanto os representados são militantes políticos e, como tais, defendem programas de governo.

Os discursos em defesa de partidos políticos se constituem por evidências de verdade/objetividade/legitimidade decorrentes do trabalho da língua na história, do que decorre, de acordo com Courtine (2006), de discursos de doutrina política, resultantes de enunciados pronunciados por sujeitos porta-vozes legítimos do que o autor designa de máquinas políticas. É esse imaginário que se tem do campo do político e que são visíveis em campanhas eleitorais, partidos políticos e em programas de governo. A sustentação desse imaginário centra-se em nomes próprios, a partir dos quais se estruturam evidências de homogeneidade e de consenso em torno de questões sociais, econômicas e culturais que envolvem/afetam/assujeitam os sujeitos coletivamente.

Diante das identificações e dos distanciamentos constituídos em torno das duas lideranças destacadas, selecionamos Fernando Henrique Cardoso, mas assumimos que nele/por ele ressoa Lula, como militante político e como governo: quando se fala de um, o outro é visibilizado. Segundo Orlandi (2004), o recorte em um corpus sinaliza para uma tomada de posição do analista. Nesse sentido, o recorte em torno de FHC se deve a sua militância política, sua atuação como sociólogo e os equívocos, deslocamentos, rupturas desencadeadas e visibilizadas pela mídia em relação as suas posições desse lugar, sua atuação política e a fundação do PSDB e seu desempenho como presidente da república.

Dentre as razões elencadas na escolha do *corpus*, acrescentamos mais duas: o lugar de oposição que ele representa e que se legitima pelo fato de ser PSDB e a defesa e historicização dos dois mandatos cumpridos na integralidade como presidente do Brasil. Esses mandatos tanto ele – Fernando Henrique – quanto Lula conquistaram nas urnas. Entendemos, em vista disso, que há pelo menos duas posições-sujeito em funcionamento: uma em torno da militância política do ex-presidente e que lhe valem a designação “atirador de elite”. Por/nessa designação, os discursos que ressoam, no eixo da formulação, constituindo o que chamamos de os sentidos do político na/da/para a política e outra de ex-presidente, em que ele defende os seus dois mandatos.

Procedimentos teórico-metodológicos

Recortamos para fins de análise uma matéria publicada na Revista *IstoÉ* (no. 2101, fev de 2010), seção Eleições 2010, assinada pelo jornalista Jorge Felix. O título da matéria é “Atirador de elite” e em destaque o articulista define o ex-presidente, dizendo que ele “ataca Dilma, obriga PSDB a defender sua gestão e assume o papel de porta-voz da oposição na eleição presidencial”. A forma de chamar o PT para o debate é o ataque. Interessanos, em função dessa designação e da posição assumida por FHC saber:

- (1) Que redes de memórias sustentam e atualizam essa designação?
- (2) Quais os processos discursivos que o legitimam como “um atirador de elite” no cenário político brasileiro em ano eleitoral?
- (3) Que imaginário político em torno do ex-presidente é visibilizado/apagado por meio dessa matéria?
- (4) Que práticas sócio-históricas aproximam/distanciam PSDB/Fernando Henrique de forma

que ele e o PSDB possam ser ou não lidos/interpretados/compreendidos um pelo outro?

A designação “atirador de elite” da revista *IstoÉ* faz sentido em relação a discursos veiculados pelo Jornal “O Globo” e “O Estado de São Paulo”, nos quais se constituem redes de sentido em torno do enunciado “sem medo do passado”, em que a exemplo do movimento chamado lulismo, em que Lula representa o PT, o ex-presidente lista os méritos do seu governo, buscando associar PSDB/Fernando Henrique.

Para responder às questões levantadas, buscamos mapear o referente “atirador de elite”, destacando as formas de trabalhar, suas funções, quem são os sujeitos combatidos, eliminados por eles. Uma conclusão preliminar em torno dessa designação e do funcionamento do político na/pela/para a política é que entre os efeitos de sentido “quase” evidentes destacam-se: a constituição do embate político como uma luta quase corporal e de certa forma identificada ao campo da contravenção, estruturado por um “Atirador”, que não poderia ser um justiceiro porque é de “elite” e por um sujeito a ser combatido, destruído, eliminado. Outro efeito é que um representa “a legalidade”, o institucionalizado e o outro “o fora da lei”, o “desqualificado”. Os efeitos destacados resultam da designação “Atirador de elite” e da natureza dos ataques efetivados.

Ancoramos nossas análises e tomadas de posição nos pressupostos teóricos da Análise de Discurso Brasileira, cujas raízes estão em Pêcheux, idealizador e fundador da teoria materialista do discurso. Pela teoria discursiva, o sujeito não é um indivíduo tomado em sua empiricidade, mas uma tomada de posição em relação a uma forma-sujeito invadida por dizeres e saberes próprios de formações discursivas, que determinam para o próprio sujeito, o que ele é. O fio estruturador das nossas discussões é a posição de sujeito porta-voz

de oposição, que Fernando Henrique assume no discurso político e o funcionamento da designação “atirador de elite”, pela qual se constitui uma representação imaginária do ex-presidente. Essa representação decorre do entrecruzamento de discursos que retornam e atualizam os sentidos pelo funcionamento do interdiscurso como pré-construído e intradiscurso, destacando os mecanismos linguísticos de discurso transversal e articulação pelos quais se estruturam e se movimentam os sentidos.

Fernando Henrique Cardoso: sujeito porta-voz da oposição

Fernando Henrique Cardoso como político fez história, é história e, ao que tudo indica, continua buscando influenciar nos rumos da política brasileira, o que significa dizer, que continua fazendo história. Trata-se de um professor universitário, aposentado compulsoriamente, exilado no Chile, na França e nos Estados Unidos. Como sujeito, teve atuação política e, também, como professor universitário, autor de várias obras. Destacou-se, portanto, como pesquisador e como político atuante no antigo MDB (Partido do Movimento Democrático Brasileiro). Em sua atuação política, foi o idealizador e fundador do PSDB, ministro das Relações Exteriores e, presidente da república do Brasil por oito anos. Como presidente teve uma atuação controversa e polêmica, tanto pelas declarações que fazia, quanto pelo fato de que, assim como outros presidentes, postular mudança na constituição para permanecer no cargo presidencial por mais de um mandato. É inegável a sua formação acadêmica e cultural, a capacidade de liderança e a importância dos postos políticos de relevo ocupados. Atualmente, é presidente de honra do PSDB.

No lançamento da candidatura de Serra à

presidência (dia 07 de abril de 2010), mais uma vez atuou como sujeito porta-voz dos filiados a esse partido, e aos que apoiam Serra. Segundo Laryssa Borges (site de notícias), em sua fala FHC lembrou os feitos de seu governo, mas não citou a polêmica das privatizações. Adotou o tom de crítica, que lhe vale a designação “atirador de elite” para condenar escândalos de corrupção na gestão petista, período em que, segundo ele, “pessoas irresponsáveis passavam a mão na cabeça de todo mundo”. Essa última afirmação serve para ancorar/legitimar a defesa de que “o Brasil do Serra vai ser o Brasil da decência”.

A atuação de Fernando Henrique Cardoso na política brasileira funciona como um discurso de (memória) que o autoriza a colocar-se no centro das decisões, especialmente, quando se trata de sucessão presidencial. O discurso proferido no lançamento da candidatura de Serra centra-se em dois pontos: o imaginário em torno de um líder e o Brasil que queremos. O imaginário, em torno do líder, dá visibilidade de um lado a Lula e a FHC e, de outro, a Dilma e a Serra. Cada um desses sujeitos representa um Brasil e, segundo ele, a escolha efetivada dará corpo ao Brasil que queremos, dizendo: “se um Brasil que ao olhar para o passado o difama, que no presente transforma tudo em marketing ou se vamos querer um Brasil que construa o futuro”.

O sujeito encerra a comparação, destacando que “Serra é o construtor do futuro”. Fernando Henrique é o sujeito locutor, em tese o responsável pelo dizer. Investido dessa posição, ao definir Serra, define a si mesmo, tendo em vista que ele e Serra são do PSDB e que Serra, sendo candidato, assume que apoia, defende, valoriza o presidente fundador do seu partido. Serra representa o Brasil do futuro, no qual “se pode fazer mais” slogan da campanha instaurando redes de sentido sobre o Brasil do futuro e sobre Serra. O presidente do Brasil, nesse período, era Lula. Desse modo,

Lula representava o Brasil do presente, tempo em que, segundo Cardoso, tudo se transformava em marketing, transformando-se em um Brasil virtual.

Dos três “brasis” sobrou aquele que se olhar o passado o difama. Não está dito, mas por eliminação, Dilma representa esse Brasil. Mas isso não está dito e no não dizer, o silêncio significa, é constitutivo, de acordo com Orlandi (2002 a, p. 49) é “fundante”, à medida que “o dizer para significar necessita da falta”. O silêncio em funcionamento, no que se refere ao Brasil que se envergonha do passado, faz sentido e ressoa no eixo da formulação a militância da candidata petista em grupos de resistência e pelos sentidos constituídos pelas visibilidades/apagamentos em torno da resistência da/na/para a política.

Outro ponto chave no discurso do sujeito designado “atirador de elite” é o imaginário em funcionamento da/na/para o político em torno do que seja ser líder. O não-dito que ressoa aí é: Dilma não é líder. A sustentação/legitimação do que não está linearizado decorre do trabalho da memória que retorna pelos pré-construídos, que irrompem, no eixo da formulação, e atualizam os sentidos pela mobilização de saberes que vêm de um tempo mais distante, no qual o líder determinava o que podia/devia/ser dito ou feito, pois era dele a responsabilidade por decisões importantes. Em m tempo mais distante e também, em um tempo mais recente os nomes de políticos representam o partido por eles fundado, num efeito de espelhamento. Assim, o líder seria um sujeito porta-voz e estaria autorizado em falar em nome de, constituindo o que Pêcheux (1990) definiu como um “nós em construção”. A agremiação política e o seu fundador, nesse funcionamento, significam um pelo outro. O fenômeno político denominado lulismo é um exemplo desse processo de legitimação/representação e o populismo é outro. Pode-se

dizer que o político/líder representa nele/por ele o partido fundado.

No discurso de lançamento da candidatura de José Serra à presidência da República, FHC ocupa a posição de líder, fala em nome daqueles que representa e faz reivindicações, assumindo na ordem do discurso o lugar de sujeito porta-voz. Os efeitos de sentidos que decorrem desse discurso, e também dos ataques a Dilma, estruturam-se por um processo discursivo em que funciona o mecanismo da antecipação. Orlandi (2002, p. 39), destaca que segundo esse mecanismo “todo o sujeito tem a capacidade de experimentar [...] de colocar-se no lugar em que o seu interlocutor “ouve” suas palavras. Ele antecipa-se quanto ao sentido que suas palavras produzem”. Segundo Pêcheux (1997a, p. 83), as formações imaginárias resultam do lugar que A e B ocupam na estrutura da formação social. Pelo funcionamento das formações imaginárias o sujeito constitui uma projeção imaginária dele mesmo (quem sou eu para lhe falar assim?/ quem sou eu para que ele me fale assim?) e do seu interlocutor (quem é ele para que eu lhe fale assim?/quem é ele para que me fale assim?).

Ainda, de acordo com Pêcheux (1997), os lugares e a posição do sujeito estão representados nos processos discursivos, colocados em jogo. Fernando Henrique ocupa a posição de “atirador de elite” e, dessa posição, constitui um imaginário em torno dos seus opositores (Dilma e Lula), do Brasil em seus vários momentos (ontem, hoje e o do futuro). Ancorado, nesse imaginário, defende, em seu discurso, uma tese central que irrompe no eixo da formulação pelo efeito do discurso transversal, qual seja: caso Serra vença o pleito eleitoral deverá defender os seus dois mandatos e, se não o fizer, haverá, igualmente, um Brasil com vergonha do passado. Esse passado poderia ser Fernando Henrique e o seu governo. Com isso, referendamos que os sentidos “sempre podem ser

outros”, eles dependem da inscrição do sujeito a FDs, e da posição-sujeito e do lugar de onde falam e também do que falam.

Para dar continuidade às reflexões propostas, buscamos definir o que seja em um mundo “semanticamente normal” um atirador de elite, bem como os efeitos de sentidos dessa designação no discurso político. No discurso recortado, Fernando Henrique (e Serra) é oposição e fala em nome da oposição, enquanto Lula (Dilma) representa a situação, aquele que deve/pode ser atacado e, conseqüentemente, defender-se.

Funcionamento discursivo da designação atirador de elite

O atirador de elite, segundo Valdes (2010), é um soldado especializado em operações de risco. Usa rifles pesados e de precisão. Eles não são atiradores em potencial e sim peritos em ações que exigem camuflagem, infiltração e técnicas de observação. Segundo o articulista (site: <http://ciencia.hsw.uol.com.br/atiradores-de-elite-militares1.htm>) a função principal desse profissional não é puxar o gatilho, mas sim reconhecer o inimigo, dissimulando-se e, com isso infiltrando-se no campo do outro para saber do seu potencial, do seu tamanho com a função de levar esses dados aos aliados. Outra função é atuar como apoio, isto é, buscar documentação (mapas, localização, hábitos, modos de ação) do inimigo. Entre suas formas de atuação, além da camuflagem e a infiltração, está a organização de tocaias, ou seja, modos de atingir o inimigo, sem que ele perceba.

A designação “atirador de elite” nos recortes em análise, rompe com a estabilidade à medida que encaminha para dois campos discursivos: o da polícia, em que o atirador cumpre uma função social e atua somente em casos especiais e de interesse do Estado e, o do campo político, como

ocorre na matéria publicada pela Revista *IstoÉ*, do mês de abril. No campo discursivo da política, tem sentido pelo funcionamento interdiscurso, enquanto pré-construído, discursos já-ditos, significados antes em outros lugares que ressoam no intradiscurso, autorizando/legitimando FHC a ocupar esse lugar discursivo de porta-voz, fazendo com o seu discurso entre na ordem do discurso.

Ainda, em relação aos equívocos instaurados por esse sintagma, há outro deslizamento importante, que se dá pelo seu desmembramento do sintagma, ou seja: como atirador ele atinge o seu adversário, destrói/mina uma imagem política, no que se refere a Dilma e reconstrói a sua própria imagem, à medida que legitima Lula como líder. Há, de acordo esse discurso, pontos-chaves que autorizam/legitimam/ancoram um candidato autorizado a disputar o cargo de presidente. Dilma, pela definição que FHC faz dela, não entra na ordem desse discurso, tendo em vista que:

Recorte 01

“Ela é mais próxima do PT. Lula tem mais independência do PT. Ele é um negociador. Ele tem a habilidade de mudar de opinião. Eu não acho que Dilma faria isso porque ela é mais – talvez isso seja muito duro – dogmática. Ela tem a visão ultrapassada a favor de uma maior interferência (do Estado na economia)”. E continuou “Ela é uma pessoa muito autoritária”.

Em destaque na matéria publicada pela revista *IstoÉ*, há uma síntese do que, segundo o sujeito que assume, nesse discurso, o lugar de porta-voz de um grupo, Dilma representa Lula, mas ele é líder, ela não. Esse efeito de sentido instaura também Serra, como não-líder, mas como o que está representando o líder Fernando Henrique. Ocorre por esse funcionamento

a construção/desconstrução de imagens. A negação de Dilma como líder dá visibilidade a duas lideranças: Lula e Fernando Henrique. Quem faz as escolhas na síntese efetivada, pelo menos em tese, é o articulista Jorge Felix, que assina a matéria. Resumidamente, portanto:

Recorte 02

1. Dilma não é líder, é reflexo de um líder.
2. Ela é dogmática.
3. Ela é muito dura, uma pessoa autoritária.
4. Ela tem uma visão ultrapassada.

Com essa materialidade se “constitui”, discursivamente o que representa na/da/para a política “ser candidato/ser presidente do Brasil”. Essa representação se estrutura por uma memória, um discurso de que irrompe no eixo da formulação, sustentando o dizer. Isso ocorre pela inscrição em uma FD, na qual funciona uma memória do saber, que é estruturante, legitimadora do efeito de autoridade/legitimidade da posição-sujeito Fernando Henrique como “atirador de elite”. Lendo apenas de *elite*, o sentido desliza em relação a Lula, pelo significado em torno de “ser” de elite. Provavelmente, ser de elite é ter um curso superior, ser pesquisador/professor universitário, falar mais de uma língua, construir teorias, ser inteligente o bastante para “atirar” sem “atacar”, enfim, participar na construção da história cultural brasileira. Elite, traz para o eixo da formulação o funcionamento das instituições culturais, o imaginário em que ser sindicalista e ter ocupado um lugar na história da resistência brasileira significa estar do lado oposto do que seja elite.

Nossas reflexões centraram-se nos traços identitários entre sujeitos e nas reflexões em torno do atirador de elite, buscando saber os sentidos os sentidos e traços dessa profissão. Vimos que o sentido, em torno do atirador de elite, em

funcionamento na formação social sinaliza para o sujeito que ataca, apoia, infiltra-se. Transcrevemos os enunciados constitutivos do discurso de FHC em relação à Dilma para pensar, por meio deles, nos efeitos de sentido dessa designação, bem como nas redes de memórias que a sustentam e a atualizam. Buscamos, ainda, destacar os processos discursivos que legitimam FHC como “um atirador de elite”, no cenário político brasileiro em ano eleitoral. Entendemos que o imaginário político em torno do ex-presidente é visibilizado/apagado por meio dessa matéria e das práticas sócio-históricas que aproximam/distanciam PSDB/Fernando Henrique de forma que o ex-presidente e o PSDB possam ser ou não lidos/interpretados/compreendidos um pelo outro.

Efeitos de conclusão

Na ordem do discursivo, o alvo de FHC parece ser Dilma, entretanto, ressoa no eixo da formulação Lula, como a representação de uma liderança. Esta liderança é a esperada pela inscrição em FDs, constituídas por saberes políticos estruturantes de uma candidata a presidente. Há na formação social uma memória do saber, segundo a qual, determinadas regras regulam o que Dilma deve/pode/tem que fazer/dizer/ser para substituir Lula. E, substituindo-o, ocupar não só o lugar de Lula, mas também, o lugar de Fernando Henrique. Este último irrompe, no eixo da formulação, como aquele que constitui Lula como líder e, por esse processo, dá visibilidade aos seus dois mandatos como presidente do Brasil.

À medida que o imaginário de negatividade em torno da candidata à presidência se constitui, estrutura-se um imaginário positivo em torno de Fernando Henrique e de Lula, apesar de o nome

em pauta ser o dela e o de José Serra. A filiação a um partido e a dependência do filiado a esse partido parece ser negativo, porque faz trabalhar memórias em torno de fenômenos como o lulismo e, em relação a FHC, o lugar de honra que ocupa no PSDB. A contradição presente, nesse discurso, decorre do fato de os partidos dependerem ou serem lidos/interpretados/compreendidos pelos seus fundadores. Isso parece fazer parte da “normalidade” do político, ou seja, colocar o PT e Lula, ou o PSDB e Fernando Henrique Cardoso como tomados um pelo outro, simulando um recobrimento, não significa dependência, mas o contrário sim. O efeito de sentido do ataque é que os sujeitos autorizados/legitimados a exercer a liderança e o lugar de porta-voz são o presidente e o ex-presidente que o antecedeu. Outro efeito interessante é que o sujeito “atirador de elite” atinge o seu alvo e coloca outro alvo em sua mira (Lula), atingindo-o indiretamente e, com isso, torna-se visível.

Outro efeito importante, e que precisa ser destacado, é que Lula e Fernando Henrique “valem/significam” pela sua história e pelo nome próprio. Este é, entretanto, um efeito decorrente do trabalho da ideologia, consolidando o que Pêcheux (1997) chama de “pequeno teatro”. Um dos processos responsável por esse efeito é a estrutura dos enunciados, pelos quais FHC define Dilma. Trata-se de enunciados definidores, constituído por orações predicativas (Ela é...), pelas quais esse discurso tem efeito de doutrina e de autoridade, posto que a reversibilidade tende a zero, conforme Orlandi (1996).

Para constituir efeitos de conclusão, retomamos as questões que nortearam nossas reflexões. As redes de memória que sustentam e atualizam essa designação são do campo do político e abarcam o funcionamento da política mais recente, e do campo do que seja um atirador de elite em um mundo “semanticamente

normatizado”. Os processos discursivos que instauram esses efeitos são os da transferência, ou processo metafórico, pelo qual um sujeito, nome ou evento ressoa significando pelo outro. A constituição de imaginários em torno da candidata apresenta-se como um discurso saturado, no qual o funcionamento da ideologia instaura evidências de homogeneidade dos sentidos.

O imaginário do político na/da/para a política em torno de Lula, estruturado a partir do que falta à Dilma, enquanto líder e, também de Fernando Henrique, resulta de práticas discursivas centradas em afirmações, que seriam os projéteis, atingindo o alvo. Assim, o efeito de sentido geral é de que dois sujeitos (FHC, Lula) representam o político, a liderança, talvez o futuro, enquanto os candidatos Dilma e Serra representam uma forma de dar visibilidade aos dois, especialmente ao PSDB e FHC. Com seu discurso, Fernando Henrique “derruba” Dilma e dá visibilidade a Lula e, a ele mesmo, tendo em vista que ele ressoa como “um líder em potencial”. Como um sujeito que é atirador, mas não é qualquer atirador, é o ATIRADOR DE ELITE.

Como dissemos, inicialmente, e no desenvolvimento do texto, no artigo da revista IstoÉ e, também nas notícias divulgadas nos sites destacados, os candidatos do PSDB a presidente em 2002 – José Serra – e em 2006 – Geraldo Alckmin não aceitaram defender os oito anos de mandato do fundador do PSDB e, no/pelo discurso, apagaram as privatizações que ocorreram na administração tucana. Serra candidato quer, assim como Lula, colocar-se como “povo” e, não como elite, muito menos como “atirador de elite”, como Fernando Henrique se significou, no discurso de oposição.

Referências

CORTEN, André. Discurso e representação do político. In: INDURSKY, Freda e FERREIRA, Maria Cristina (Orgs.). **Os múltiplos territórios da Análise do Discurso**. Porto Alegre: Editora sagra Luzzatto, 1999.

COURTINE, Jean-Jacques. **Metamorfozes do discurso político**: as derivas da fala pública. Trad. de Nilton Milanez e Carlos Piovezani Filho. São Carlos: ClaraLuz, 2006.

FELIX, Jorge. **Atirador de elite**. Eleições 2010. Revista IstoÉ, 17 de fev. de 2010. Editora Três, p. 32-34.

ORLANDI, Eni Puccineli. **Terra à vista**: discurso do confronto: velho e novo mundo. São Paulo: Cortez, Ed. da Unicamp, 1990.

_____. **A linguagem e seu funcionamento**: as formas do discurso. 4ª. Ed. – Campinas: SP: Pontes, 1996.

_____. **Análise de Discurso**: princípios e procedimentos. 4ª. Ed. Campinas: Pontes, 2002.

_____. **As formas do silêncio**: no movimento dos sentidos. 5. ed. Campinas, SP: Ed. da Unicamp, 2002a.

_____. **Interpretação**: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico. Campinas, SP: Pontes, 2004..

PÊCHEUX, Michel. **Delimitações, inversões e deslocamentos**. Trad. José Horta Nunes, In: Cadernos de Estudos Linguísticos (19). Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1990, p. 7-24.

_____. **Semântica e discurso**: uma crítica

afirmação do óbvio. Trad. Eni Orlandi [et. al.].
3. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1997.

_____. **Por uma análise automática do discurso:** uma introdução à obra de Michel Pêcheux. GADET, Françoise (org.) Trad. de Bethania Mariani (et.al.) 3. ed. Campinas, SP: Unicamp, 1997a.

Site: <http://ciencia.hsw.uol.com.br/atiradores-de-elite-militares1.htm>, acesso: 22 de abril de 2010.

Site: <http://noticias.br.msn.com/artigo.aspx?cp-documentid=23813243> acesso: dia 07 de dezembro de 2016.

Site:<http://noticias.terra.com.br/brasil/noticias/0,,OI4373957-EI7896,00-Quem+tem+Serra+e+Aecio+nao+precisa+de+mais+nada+diz+FHC.html> – acesso: 08 de dezembro de 2016.

Artigo enviado em: 10/10/2016

Aceite em: 10/02/2017